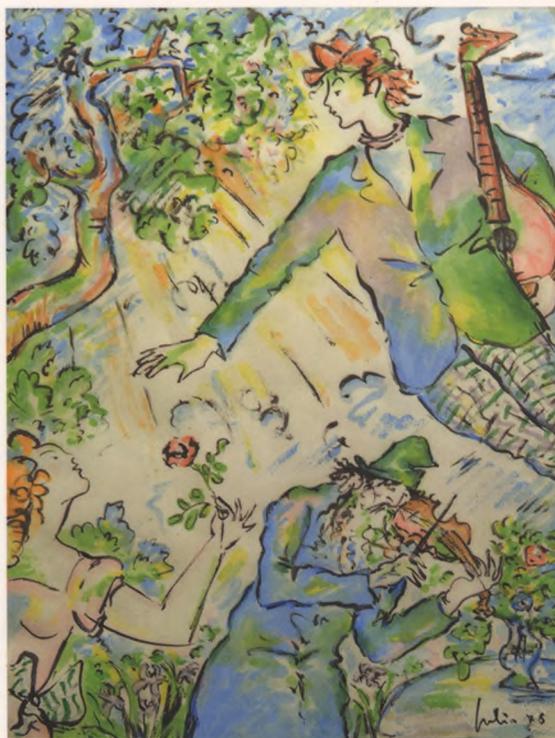


REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



ARTES

VOLUME 32, 2011

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NOTA DE APRESENTAÇÃO

O tema do presente número da Revista de Historia das Ideias afirmou-se por si mesmo. E o facto de as transformações internas da Faculdade de Letras terem ligado esta publicação ao DHAA veio reforçar a convicção de que chegara a hora de indagar as múltiplas manifestações do conceito de Arte(s). No entanto, lançámo-nos nessa tarefa sem quaisquer propósitos de cariz historicista, mas com a consciência de que o resultado final, apesar de inevitavelmente fragmentado, cumprirá o seu papel se suscitar reflexões e desenvolvimentos sobre algo que nos interrogará sempre como o enigma da esfinge.

Qualquer definição de Arte nunca deixará de enfrentar os limiares que a História, a Instituição, a Filosofia e a praxis impõem. Porém, será também a partir desses confins que ela emerge na sua mais hábil definição: a Arte como acção demiúrgica. Assumidamente polifónico e sincrético, o fenómeno artístico congrega as constantes e tensionais dicotomias da Humanidade, obrigando ao confronto iterativo - e mais dialéctico do que formalmente se admite - entre o particular e o universal, o belo e o feio, a revolução e a contra-revolução, a tradição e a vanguarda. É no vazio do espaço que o génio do tempo se faz arte e, por isso, a sua objectivação permanece salvaguardada por uma reconhecida vocação para o plural, como se o prolongamento da mão, desdobrando-se em artefactos, matérias, quadros e ideias, reivindicasse o direito à consagração estética. A arbitrariedade da arte é, desta feita, a sua virtuosa linguagem.

Nem sempre assim foi. Herdeiras da technê grega, as artes liberais concretizaram-se como manipulação sobre as coisas e sobre os homens e como saber rigoroso e geral, apto para reproduzir, enquanto conhecimento, a cadência do universo do ponto de vista mecânico. Porém, elas também eram impulso para acrescentar humanidade à natureza e para serem praticadas e vividas como expressão primeva de liberdade.

Pensar as Artes é inseparável, pois, da sua dimensão performativa e plástica, fazendo da matéria encarnação da ideia, mediada esta pelo critério fantástico do olho do artista. Poética da exterioridade do "Eu " histórico - como o Romantismo não se cansou de enfatizar -, hoje, esse intenso modo de ser individualista (Oscar Wilde), se nem sempre obtém imediato perdão social, é porque refracta a proliferação de individualidades e gerações dentro da cada vez mais alargada banalização do mundo - e, afinal, da própria Arte.

O coordenador

Fernando Catroga